

Advertência do setor financeiro

O setor financeiro não está interessado numa desindexação incompleta da economia. Esse aviso foi dado ontem pelo presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima), Carlos Brandão, ao analisar uma proposta que teria sido feita pelo FMI, segundo a qual apenas a parte externa da economia continuaria obedecendo ao sistema de índices estabelecidos pela correção cambial.

Se essa medida fosse adotada, explicou Brandão, o governo estaria abdicando de encontrar uma solução para o problema da dívida externa. Ele lembrou que em junho passado a dívida era de US\$ 91,1 bilhões, o equivalente a Cr\$ 157,5 trilhões da época, enquanto a soma de todos os haveres financeiros existentes no País correspondia a Cr\$ 121 trilhões. Com isso, se apenas os mecanismos de geração de cruzeiros fossem desindexados, a dívida se colocaria cada vez mais distante da capacidade de pagamento do País.

Mas, para Brandão, muito mais importante do que desindexar a economia é a necessidade de se fortalecer os mecanismos que estimulam o crescimento da poupança interna, que atualmente representa algo em torno de 12% do Produto Nacional Bruto, contra 31% em 1974. A nível de governo federal, acrescentou, a situação ainda é mais crítica, pois a poupança repre-

senta apenas 0,4% do PNB, "e esses índices são os menores nos últimos 20 anos".

Na opinião do presidente da Andima, "não vamos aceitar propostas simplistas como a de que a desindexação reduzirá a inflação, pois só com a queda dessa é que aquela deixará de existir". E, para Brandão, o quadro atual é pouco propício para a reversão do processo inflacionário, principalmente devido ao acúmulo de reservas cambiais, provocado pelos superávits na balança comercial, que estão estourando as metas monetárias de controle do dinheiro e de emissão.

O presidente da Associação dos Dirigentes de Empresas de Crédito, Investimentos e Financiamento (Adecif), Germano Lyra, também se mostrou contrário à proposta dos técnicos do FMI, ressaltando que sua opinião se referia apenas às sugestões defendidas pelo ex-ministro da Fazenda, Octávio Gouveia de Bulhões. Segundo acrescentou, "ela tem muito mais contra-indicações do que vantagens, impedindo o crescimento de todo o processo produtivo e social, pois tudo que se paga, recebe ou deve neste país está indexado".

Germano Lyra disse, ainda, que a grande deficiência brasileira continua no lado moral; ou seja, a falta de credibilidade na ação das autoridades.